

# Uma pequena história da arte

Baseada nos elementos fornecidos  
pelo livro didático

# Seção 1 – Tópico “Artesão e artista”

- *A arte na Antiguidade e Idade Média:* de um modo geral não se distinguia hierarquicamente do fazer artesanal. Salvo, em alguns casos, a poesia e a música, a arte era avaliada sob o prisma de uma estrutura social fundada na escravidão. Isto significa que foi desprezada na medida em que era considerada um trabalho manual.

# Etimologia da palavra arte

*Arte* - do latim *ars*; corresponde ao termo grego *techne* (técnica); significa: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Seu campo semântico se define em oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural.

# Renascimento

- . Com o desenvolvimento do capitalismo, o trabalho passa a ser considerado causa e fonte de riquezas. Tal valorização acarretou também a das artes.
- As artes cuja finalidade é o belo (pintura, escultura, arquitetura, poesia, música, teatro, dança) elevaram-se socialmente ante o fazer artesanal.

# Importante

- No Renascimento, jamais a visão individual e subjetiva do artista poderia servir de critério para a realização da obra de arte. O fazer artístico era regido pelas doutrinas de arte, ensinadas nas escolas e academias.
- Nas perspectivas mais otimistas, acreditava-se ser possível descobrir um sistema de leis universais das quais as regras da arte seriam deduzidas tornando possível indicar, com exatidão, o caminho para a realização da beleza.

- O grande artista era, portanto, não o inovador original, mas a autoridade no gênero artístico em que estivesse inserido.
- Nesse sentido, comparemos as obras de dois dos maiores artistas renascentistas Rafael de Sanzio e Michelangelo, com artistas contemporâneos a eles.

Piero di Cosimo.  
Virgem com Menino,  
São João Batista  
Criança e um Anjo  
(1500-1510)

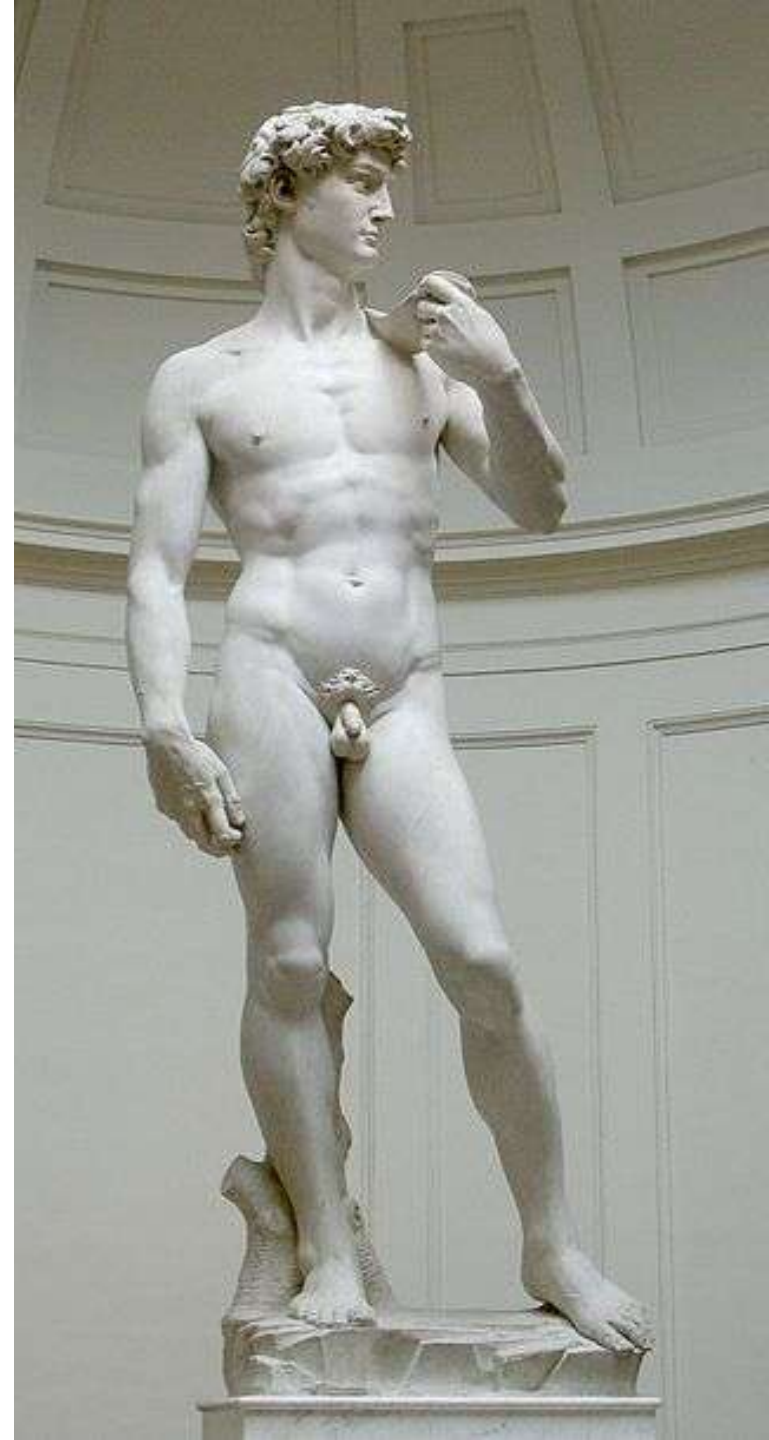


Rafael. *Madona Terranuova*  
c. 1504-1505





Michelangelo:  
*David*, 1501-1504



Donatello: *São Jorge*, 1416.



# Seção 5 e 6: Primeiras rupturas

- Especialmente na virada do século XVIII para o XIX, teremos as primeiras e mais radicais rupturas com as doutrinas e gêneros de arte.
- Através do conceito de gênio, cultivado especialmente pelas escolas românticas, o grande artista passa a ser considerado aquele dotado de originalidade e capacidade de inovação radical, sem precedentes.
- O belo na arte passa, em alguma medida, a se associar com a singularidade e subjetividade do artista.



Turner: O navio negreiro, 1840

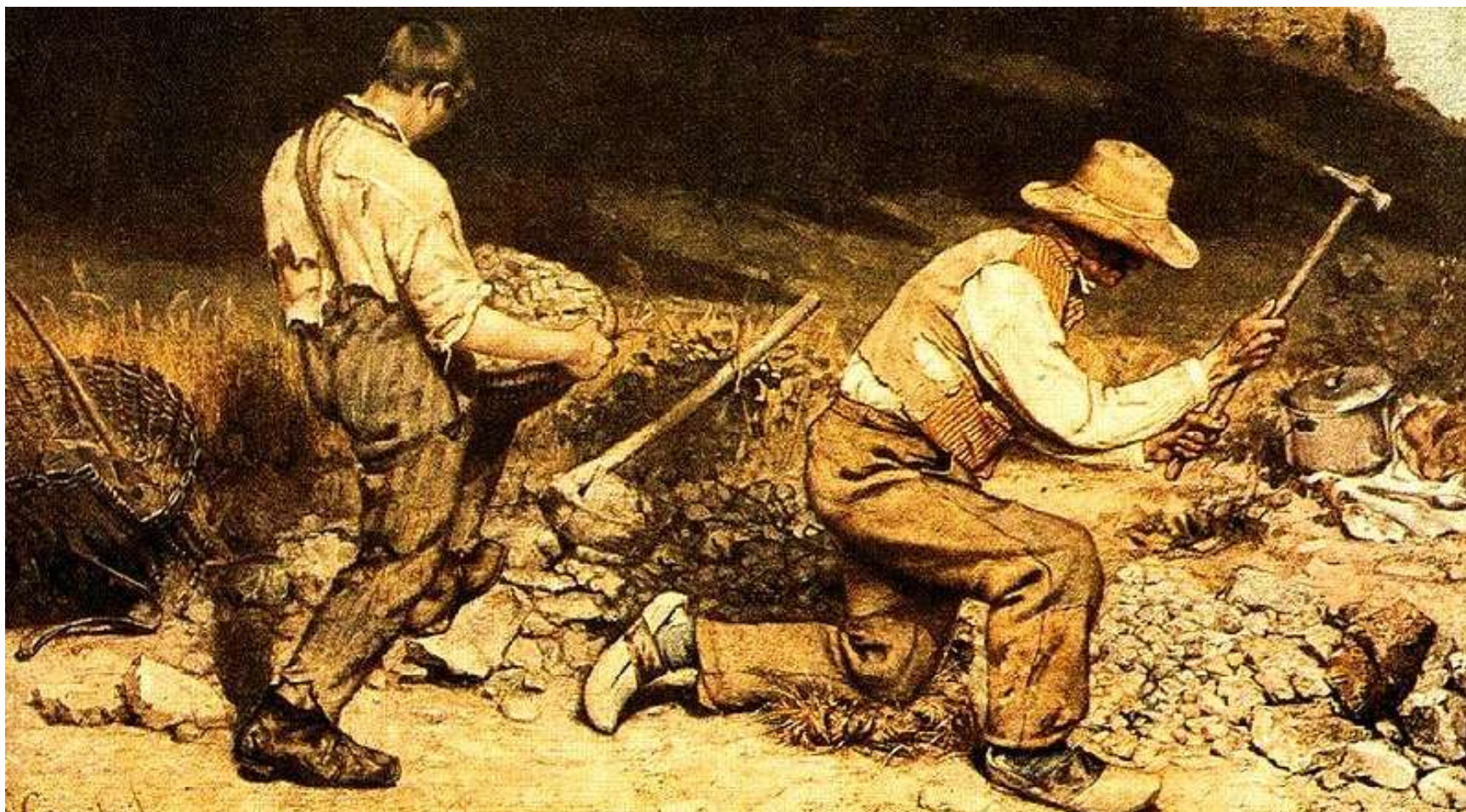


Théodore Géricault: A jangada de Medusa, 1816

- Embora os exemplos dos pintores românticos Turner e Géricault sejam importantes para compreendermos a ruptura com a hierarquia dos gêneros artísticos e com as doutrinas de artes, os movimentos artísticos do realismo e impressionismo foram aqueles que levaram esta “tarefa” a seu limite. No século XIX, tem-se então a derrocada definitiva das doutrinas de arte.



Coubert: Enterro em Ornans, 1849.



Coubert: Os quebradores de pedra,

# Seção 7: A obra de arte na era da sociedade industrial

- A imprensa e o nascimento de um novo gênero literário: o romance-folhetim
  - Pode ser comparado às novelas e séries atuais: era publicado serialmente nos jornais;
  - Surge no contexto de uma maior democratização do público letrado;
  - Tem como nova finalidade a de gerar lucro, atrair leitores para o jornal;
  - Propicia certa homogeneização dos gostos – o que marca o surgimento da chamada “baixa literatura” e do “artista popular”.



- O surgimento do cinema
  - Uma nova arte realizada não através das mãos, mas de máquinas.
  - Arte e técnica novamente se confundem?

- O design

- A integração da arte na indústria: a estética dos objetos funcionais produzidos em larga escala.
- O movimento Bauhaus: unificação da arquitetura, pintura, escultura e desenho industrial; unificação das artes, artesanato e tecnologia.

*“Cada época exige sua própria forma. É nossa missão dar ao novo mundo uma nova aparência com os recursos de hoje em dia. Mas o conhecimento que temos do passado é um fardo que pesa sobre nós, e inerente em nossa educação avançada estão impedimentos que tragicamente bloqueiam nossos novos caminhos. A afirmação inadequada da época atual pressupõe a negação cruel do passado. As antigas instituições — as escolas clássicas de gramática e as academias — estão ficando obsoletas. Os teatros municipais e os museus estão abandonados. O desamparo nervoso das artes aplicadas é notório. Em seus lugares, aliviadas pela afetação clássica, por uma confusão de ideias artísticas ou pelos adornos da arte aplicada, as testemunhas de uma nova era estão surgindo: feiras industriais, silos de grãos, salões de música, aeroportos, cadeiras de escritório, mercadorias standardizadas.”*

*Hans Meyer. Diretor da Bauhaus entre  
1927 e 1930*

## 8. As técnicas de reprodução

- Arte na era industrial: feita sob a lógica da reprodutibilidade e não da unicidade.

“Tanto o cinema quanto o rádio eliminam aquele fluido misterioso que emana indistintamente do público e do artista e que transforma cada certo, cada conferência em uma experiência única. A voz humana alcançou a *onipresença*, o gesto humano, *eternidade*, mas ao preço da alma.”

# A Estética na Escola de Frankfurt

Walter Benjamin

“A obra de arte na época das suas técnicas de reprodução”

Neste ensaio, Benjamin investiga como as novas técnicas mais do que alterar as formas de arte, estavam alterando o próprio conceito de arte.

- Nesse sentido, Benjamin propõe que a história da arte pode ser construída a partir do confronto entre dois pólos, sendo estes: o de valor de culto da obra e o de valor de exposição.

(Vide explicação livro didático, p. 80)

# Valor de culto

“A produção artística começa com imagens a serviço da magia. O que importa, nessas imagens, e que elas existem, e não que sejam vistas. O alce, copiado pelo homem paleolítico nas paredes de sua caverna, é um instrumento de magia, só ocasionalmente exposto aos olhos dos outros homens: no máximo, ele deve ser visto pelos espíritos. O valor de culto, como tal, quase obriga a manter secretas as obras de arte: certas estátuas divinas somente são acessíveis ao sumo sacerdote, na *cella*, certas madonas permanecem cobertas quase o ano inteiro, certas esculturas em catedrais da Idade Média são invisíveis, do solo, para o observador.”



# Valor de exposição

*“À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas. A exponibilidade de um busto, que pode ser deslocado de um lugar para outro, é maior que a de uma estátua divina, que tem sua sede fixa no interior de um templo. A exponibilidade de um quadro é maior que a de um mosaico ou de um afresco, que o precederam. E se a exponibilidade de uma missa, por sua própria natureza, não era talvez menor que a de uma sinfonia, esta surgiu num momento em que sua exponibilidade prometia ser maior que a da missa. A exponibilidade de uma obra de arte cresceu em tal escala, com os vários métodos de sua reprodutibilidade técnica, que a mudança de ênfase de um pólo para outro corresponde a uma mudança qualitativa comparável à que ocorreu na pré-história. Com efeito, assim como na pré-história a preponderância absoluta do valor de culto conferido à obra levou-a a ser concebida em primeiro lugar como instrumento mágico, e só mais tarde como obra de arte, **do mesmo modo a preponderância absoluta conferida hoje a seu valor de exposição atribui-lhe funções inteiramente novas, entre as quais a "artística", a única de que temos consciência, talvez se revele mais tarde como secundária.**”*

**Walter Benjamin**

# A perda da aura

“A aura decorre da *unicidade*, da *originalidade* e da *autenticidade* do objeto. A obra de arte até então era única e encontrava-se em um único lugar e tempo: *aqui* e *agora*. Por ser única possui autenticidade, pode ser identificada como obra original e não cópia. [...]

A possibilidade de reprodução, provocada pelas novas técnicas industriais, atinge a aura: não se pode mais identificar o que é original e o que é cópia”. (Livro didático, pp. 80-81)

# O Cinema e a reprodutibilidade da arte

“Nas obras cinematográficas, a reprodutibilidade técnica do produto não é, como no caso da literatura ou da pintura, uma condição externa para sua difusão maciça. *A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor, que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar filme. O filme é uma criação da coletividade.*”

Walter Benjamin

“Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. Graças a essa definição, é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. Ela deriva de duas circunstâncias, estreitamente ligadas à crescente difusão e intensidade dos movimentos de massas. Fazer as coisas "ficarem mais próximas" é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução.

[...]

*Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar "o semelhante no mundo" é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único."*

*Walter Benjamin*

# Seção 9 – Indústria cultural

O conceito de “indústria cultural” criado por Adorno e Horkheimer tem como pretensão esclarecer a situação da arte contemporânea.

Para esses filósofos, sob a lógica da indústria cultural, a arte torna-se uma mercadoria como qualquer outra, perdendo com isso, paradoxalmente, o seu caráter propriamente artístico.